

Ramon Taniguchi Piretti Brandão

ramonbrandao41@hotmail.com

(11) 98243-4057

Mestrando em Ciências Sociais pela UNIFESP

Orientadora: Ana Lúcia de Freitas Teixeira

Palavras-chave: Poder; Resistência; Ética; Genealogia; Estética da existência.

Projeto de pesquisa:

A ÉTICA FOUCAULTIANA COMO RESISTÊNCIA POLÍTICA

É sabido que a análise do poder conduziu Foucault à noção de *governo*. Tendo analisado, inicialmente, as formas pelas quais os sujeitos são governados, o filósofo buscou num segundo momento pensar o modo pelo qual os sujeitos se governam, ou melhor, o modo pelo qual os sujeitos se conduzem a si mesmos. Isso, ademais, aponta para a distinção de dois tipos de governo na existência do indivíduo: por um lado, um poder que se exerce *sobre* ele e, por outro, o poder cuja origem reside *nele* mesmo.

Em oposição às formas de governo que pretendem definir a vida do indivíduo através de uma determinação do seu modo de viver surge, na atualidade, uma crise onde a questão do *governo* é avaliada de outra forma: a distinção entre o Estado e a sociedade (entre o Estado de direito e uma atitude crítica de não submissão aos poderes externos) vai implicar uma atenção concedida à relação do indivíduo consigo mesmo – *ao cuidado de si* –; em outras palavras, à constituição de si por si mesmo. Assim sendo, distanciando-se da dedução de certos princípios a partir de uma ordem universal, a ética foucaultiana vai configurar-se como o meio através do qual é possível ao indivíduo, no interior do jogo do poder, gerir a sua própria vida e transformar as situações de dominação em práticas de liberdade (através da sua ação e da sua reflexão). A ética apresentada por Foucault configura-se, então, como uma categoria política.

Essa ética apresenta-se como o ato de constituição do sujeito por si mesmo e, ainda, apresenta-se como o trabalho de interrogação crítica realizado por este mesmo sujeito. No entanto, essa ética não designa uma radical autonomia do sujeito perante as

estruturas políticas, sociais e econômicas, uma vez que, imersas numa teia de situações e de relações complexas, o sujeito não possui o poder de se determinar absolutamente a si mesmo. Ainda assim, isso não significa que o processo de subjetivação seja entendido como um processo rigidamente dependente de certas estruturas, situações e contextos relacionais. Trata-se, antes, de um “complexo sistema de autonomia e heteronomia” (FOUCAULT, 2001b, p.731). Ora, a relação que se estabelece entre a autonomia e a heteronomia no processo de subjetivação exige não somente uma contínua análise das práticas e das formas de racionalidade que com elas se articulam, mas também um trabalho interrogativo sobre as estruturas que contribuem para a definição do sujeito: uma interrogação sobre o sujeito em sua relação com o saber, em sua relação com o poder e em sua relação consigo mesmo. Em todas essas formas de interrogação há uma forma de tensão, uma vez que “não é satisfatório dizer que o sujeito se constitui num sistema simbólico. Ele é constituído em práticas reais – práticas analisáveis historicamente. Há uma tecnologia da constituição de si que atravessa os sistemas simbólicos, utilizando-os” (FOUCAULT, 2001c, p.1228).

Perspectivada como uma *arte de viver*, a ética foucaultiana faz da questão da autoconstituição do sujeito uma dimensão fundamental da reflexão. No fundo, pretende-se pensar a possibilidade de autonomia do sujeito da ação, reconhecendo que essa possibilidade não subentende nenhuma figura de soberania do sujeito, pois a sua capacidade de atuação não é abstraível das estruturas e dos contextos relacionais em que está imerso e sobre os quais deseja atuar; a autonomia do sujeito não se vincula à afirmação de um modo abstrato de soberania. O sujeito atua, não porque seja soberano, mas porque faz experiências e reflete sobre elas, com a finalidade de se conduzir e de se governar a si mesmo. Daí que a possibilidade de constituir-se a si mesmo como sujeito tem inerentemente a ajuda de determinadas práticas e técnicas que sublinham um certo *cuidado de si*.

Finalmente, compreendemos que Foucault considere essencial, num pensamento que se volta para a atualidade, tanto a constituição de uma *ética do eu* (enquanto tarefa política fundamental), quanto uma análise das relações de poder (isto é, uma reflexão sobre a governamentalidade), pois a questão do *governo de si mesmo* e a questão do *governo dos outros* estão estreitamente ligadas. Em outras palavras, a política e a ética

devem ser entendidas como dimensões articuladas entre si. O que exige como tarefa filosófica principal

Não consentir estar totalmente à vontade com as suas próprias evidências. [...] Sentir que tudo aquilo que se percebe é apenas evidente enquadrado num horizonte familiar e mal conhecido, que a segurança de cada certeza se apoia num solo nunca explorado. O instante mais frágil possui as suas raízes. Existe toda uma ética da evidência (FOUCAULT, 2001b, p.787).

O questionamento das evidências supõe, assim, uma ética que se sustente na interrogação sobre a atualidade, e a possibilidade de uma reflexão sobre a ética exigiu, a um só tempo, tanto uma análise crítica do poder quanto um diagnóstico do presente¹.

Foi partindo da misteriosa palavra *hoje* que a genealogia fez emergir modos de problematização e práticas que podem constituir tanto um ponto de vista útil quanto instrumentos para ajudar a analisar e transformar o que acontece agora. Partindo de um problema na forma em que ele se coloca atualmente, Foucault procura desenhar a sua genealogia, isto é, procura conduzir a análise a partir de uma questão presente. Isso significa que através do trabalho genealógico não se atribui qualquer valor exemplar a um período anterior ao presente². No caso dos seus estudos sobre o *cuidado de si*, o objetivo do seu trabalho de análise não é, de forma alguma, um regresso linear à Antiguidade através da afirmação da ética antiga como modelo³. Neste sentido, o autor buscou pensar os interditos que na Antiguidade se exprimiam como uma moral, a partir

1 “Qui sommes-nous à l’heure qu’il est? Quel est donc ce moment si fragile dont nous ne pouvons détacher notre identité et qui l’emportera avec lui? Le désir de dire ce qui se passe n’est pas tellement habité par le désir de savoir comment ça peut se passer, partout et toujours ; mais plutôt par le désir de deviner ce qui se cache sous ce mot précis, flottant, mystérieux, absolument simple: *Aujourd’hui*” (FOUCAULT, 2001b, p.783).

2 “On ne trouve pas la solution d’un problème dans la solution d’un autre problème posé à une autre époque par des gens différents. [...] J’aimerais faire la généalogie des *problèmes*, des problématiques. Je ne cherche pas à dire que tout est mauvais, mais que tout est *dangereux* – ce qui n’est pas exactement la même chose que ce qui est mauvais. Si tout est dangereux, alors nous avons toujours quelque chose à faire” (FOUCAULT, 2001c, p.1205).

3 “C’est la proximité et la différence qu’il s’agit de faire apparaître et, à travers leur jeu, de montrer comment le même conseil donné par la morale ancienne peut jouer différemment dans un style de morale contemporaine” (FOUCAULT, 2001c, p.1520).

da forma pela qual os contemporâneos tinham refletido sobre ela, ou seja, sob a forma de uma *arte da existência*, de uma *técnica de vida* (*estilização da existência, técnicas de si, arte de viver*)⁴. Para Foucault, portanto, a moral implica a existência de um certo número de *práticas de si*. Essas práticas, por sua vez, tanto podem estar associadas a estruturas sistemáticas e constrangedoras de códigos que fazem desse conjunto de regras a dimensão essencial de uma moral, como podem constituir, em si mesmas, o núcleo ativo da moral.

Fica claro, portanto, que o retorno aos gregos não consiste em fazer valer a moral grega como um exemplo a ser seguido. “Não se trata de algo a que possamos retornar” (FOUCAULT In: DREYFUS, 1995, p.259). Lembremos que, para Foucault, “toda a Antiguidade [...] parece ter sido um profundo erro” (FOUCAULT, 2006, p.254). Não se trata, por outro lado, de ilustrar um certo domínio da moral por excelência da qual necessitaríamos para nos pensar, mas de fazer com que o nosso pensamento possa “debruçar-se sobre o pensamento grego como experiência que se deu num momento e em relação a qual podemos nos libertar” (FOUCAULT, 2001, p.1521).

Dentre as invenções culturais da humanidade, há um tesouro de dispositivos, técnicas, ideias, procedimentos, etc., que não pode ser exatamente reativado, mas que, pelo menos, constitui, ou ajuda a constituir, um certo ponto de vista que pode ser bastante útil como uma ferramenta para a análise do que ocorre hoje em dia – e para muda-lo (FOUCAULT In: DREYFUS, 1995, p.260-261).

O trabalho crítico é uma atividade que se volta sobre o próprio pensamento. Todavia, não é um trabalho que se questiona quanto aos limites da razão em geral, antes, questiona os limites da racionalidade de uma época, os limites possíveis de uma experiência e os tipos de sujeito que dela despontam. Trata-se, portanto, tanto de ultrapassar quanto de superar os limites dessa racionalidade.

Não seria uma filosofia crítica que se esforçasse por determinar as condições e os limites do nosso possível conhecimento do objeto, mas uma filosofia crítica

4 “Il s’agissait de savoir comment gouverner sa propre vie pour lui donner la forme qui soit la plus belle possible (aux yeux des autres, de soi-même et des générations futures pour lesquelles on pourra servir d’exemple). Voilà *ce que* j’ai essayé de reconstituer : la formation et le développement d’une pratique de soi qui a pour objectif de se constituer soi-même comme l’ouvrier de la beauté de sa propre vie” (FOUCAULT, 2001c, p.1490).

que busca as condições e as indefinidas possibilidades de transformar o sujeito, de nos transformarmos a nós próprios (FOUCAULT, 2001, p.206).

Sendo assim, ao invés de pensarmos o trabalho crítico como algo que examina as possibilidades do conhecimento em geral e, por isso mesmo, como análise dos limites que a razão deve respeitar, é preciso que pensemos essa crítica como análise e diagnóstico das condições históricas que determinam os modos singulares de pensar e agir e, conseqüentemente, como análise dos limites e possibilidades a serem ultrapassados. Assim sugerida, a crítica “não fixa fronteiras impossíveis de serem ultrapassadas e não descreve sistemas fechados; ela faz aparecer as singularidades transformáveis” (FOUCAULT, 2001, p.1399). Finalmente, a crítica não tem como função fazer aparecer a essência do sujeito ou sua finitude enquanto condição de possibilidade, mas as positivities, as práticas de saber, de poder e de si que tanto fizeram com que o sujeito se constituísse tal como é, quanto que possibilitasse o encontro com fendas que viabilizariam, por sua vez, a emergência de um novo sujeito, possibilidades onde o sujeito deixasse de ser o que é. A análise crítica do mundo no qual vivemos constitui tanto para Foucault quanto para o presente trabalho, a grande tarefa filosófica.

Referências bibliográficas

FOUCAULT, Michel. *Dits et Écrits II* – 1976-1988. Paris: Quarto Gallimard, **2001**.

_____. *Dits et écrits I, 1954-1975*. Paris: Éditions Gallimard, **2001b**.

_____. *Dits et écrits II, 1976-1984*. Paris: Éditions Gallimard, **2001c**.

_____. *Ditos e Escritos V: ética, sexualidade, política*. 2º edição, Rio de Janeiro: Forense Univerisária, **2006**.

DREYFUS, Hubert L. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, **1995**.